



Vereadora Erika Hilton

PROJETO DE LEI nº ____ DE 2021

Denomina “Praça Carolina Maria de Jesus” o logradouro que especifica, localizado no Distrito do Mandaqui, e dá outras providências.

A Câmara Municipal de São Paulo DECRETA:

Art. 1º Fica denominado Praça Carolina Maria de Jesus, a praça sem denominação (cód. 228184), que se localiza na Rua Alfredo de Sá dos Santos no Distrito do Mandaqui, Subprefeitura Santana Tucuvi.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 18 de novembro de 2021.

ERIKA HILTON

Vereadora

Palácio Anchieta
Viaduto Jacaré, 100, 3º andar, sala 304
São Paulo - SP, CEP 01319-900
erikahilton@saopaulo.sp.leg.br



Vereadora Erika Hilton

JUSTIFICATIVA

Carolina Maria de Jesus, nascida no interior de Minas Gerais, na cidade de Sacramento, viveu boa parte de sua vida na Zona Norte de São Paulo, na favela do Canindé. Reconhecida por sua escrita que denunciava as mazelas da favela - a qual chamou de “quarto de despejo” da cidade - é uma das mais importantes e celebradas vozes negras na literatura nacional. Foi lavradora e empregada doméstica, e depois trabalhou como catadora de papel, deslocando-se do lugar social historicamente determinado às mulheres negras empreendeu uma vida dedicada à escrita.

Referência negra na literatura brasileira, é reconhecida por sua obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, publicada pela primeira vez em 1960. A autora refletia e contava sobre o seu dia-a-dia, a partir dos desafios da maternidade negra, das estratégias e improvisos para a superação da fome e da falta de dinheiro, e sobre a complexidade do trabalho como catadora de lixo nas ruas da cidade de São Paulo, bem como a invisibilidade da sua condição até a descoberta da sua vasta produção literária. Como escritora, não reduzia-se a falar somente sobre a favela. Tal como dito por Conceição Evaristo¹, os escritos de Carolina “estão para além da fome” e da pobreza, também denunciam a invisibilidade da escrita feminina negra na hegemonia da produção literária.

Mesmo com o país contando com uma tradição de autores e autoras negras, segundo o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília², analisado no recorte temporal entre 2004 e 2014, apenas 2,5% dos autores publicados não eram brancos. Quanto aos personagens retratados nos romances, só 6,9% eram negros, sendo que só 4,5% eram protagonistas da história. Nessa mesma pesquisa intitulada “Personagens do Romance Brasileiro”³, visualizou-se que houve aumento do

¹

Ver:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/obra-de-carolina-maria-de-jesus-e-quase-toda-inedita-60-anos-depois-de-sua-estreia.shtml>>. Acesso em 24.05.2021.

² Ver: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/09/15/importancia-de-ler-autoras-e-autores-negros/>>. Acesso em 24.05.2021.

³ Ver: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/cultura/1526921273_678732.html>. Acesso em 24.05.2021.

Palácio Anchieta
Viaduto Jacareí, 100, 3º andar, sala 304
São Paulo - SP, CEP 01319-900
erikahilton@saopaulo.sp.leg.br



Vereadora Erika Hilton

número de mulheres escritoras - mesmo sendo muito mais baixo do que homens -, enquanto o de autores negros persistiu estagnado. De forma bem explícita, o mercado tem ampliado a publicação de mulheres, desde que sejam brancas, enquanto que obras de mulheres negras ou outros grupos não brancos são inibidos de transitarem em livrarias, bibliotecas e nas mãos dos leitores.

Quando se lê Carolina, a periferia, as mães solas, as pessoas pretas, as catadoras e todas aquelas que conhecem o desamparo das políticas públicas nos territórios à margem da cidade se reconhecem em seus personagens.

Por isso, homenagear o legado e memória de Carolina é fundamental para representar o compromisso do município com o combate ao epistemicídio, ao racismo científico e religioso, produzindo novo debate sobre a formação das subjetividades e identidades de meninos e meninas negras na cidade.